

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA- UFSM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO
MÉDIO

MÁRCIA ROSA BERGAMASCHI

MEMÓRIA, FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

POLO-ENCANTADO
DEZEMBRO

2015

MEMÓRIA, FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

Márcia Rosa Bergamaschi¹

Dejalma Cremonese²

Fernanda Nunes da Silva Arispe³

RESUMO

O presente memorial, além da função de ser parte integrante do conteúdo estudado durante o curso de Pós-Graduação em Sociologia no Ensino Médio, terá também a função de informar a todos que o lerem, sobre a minha vida escolar e profissional. Estabeleço relações entre as fases mais marcantes da minha vida, primeiros anos escolares, momentos da vida profissional e formação acadêmica. Em cada fase busco relacionar a teoria e a prática vivenciadas por mim. Saliento que todas as etapas foram experiências positivas para o meu crescimento pessoal e profissional, acreditando que quando há empenho e dedicação, o resultado almejado será encontrado e a realização pessoal alcança seu nível de maturidade em cada etapa vivida.

Palavras-chave: Memorial; Escola; Vivências; Formação; Dedicação; Maturidade; Vida.

ABSTRACT

The memorial gift in addition to the function of being an integral part of the content studied during the course of Sociology at the Graduate from high school, also will serve to inform everyone who read it on my academic and professional life. Establish relations between the most outstanding phases of my life, early school years, moments of professional and academic background. At each stage we seek to relate theory and practice experienced by me. I note that all the steps were positive experience for my personal and professional growth, believing that when there is commitment and dedication, the desired result will be found personal fulfillment and reach their maturity level at each stage lived.

Keywords: Memorial; School; Experiences; Formation; Dedication; Maturity; Life.

APRESENTAÇÃO

¹Pós-graduanda em Sociologia no Ensino Médio. Formada em Letras e Pedagogia, e-mail: bergamaschi123@yahoo.com.br

²Professor Orientador: Dejalma Cremonese

³Tutora à distância: Fernanda Nunes da Silva Arispe

Meu nome é Márcia Rosa Bergamaschi, nasci do dia 01-07-1965, na cidade de Encantado-RS. Sou descendente de Italiano e alemão. Filha de agricultores. É importante pensar e repensar sobre a nossa prática no dia a dia. Passar pelo controle intelectual da própria ação-ciência e consciência. Nesse sentido, a construção de um memorial sobre a nossa história tem um duplo sentido: por um lado registro de informações fundamentais, permitindo revisões, comparação, percepção de um processo de evolução nas práticas, retomadas das experiências vividas e transformações destas em conhecimento.

A importância de ouvir e escutar histórias contadas pelos pais na infância. Sentar no chão da cozinha para fazer os temas, sentir o cheiro da comida feita pela mãe, escutar a voz autoritária do pai mandando estudar e trabalhar para ser alguém na vida. Os pais agricultores alimentavam nos filhos o sonho de um futuro melhor. Verdades, mentiras, fantasias, linguagem dos sonhos próximo da memória, reelaboradas, prazerosa de ouvir. Lembranças de uma mesa de madeira velha, o lampião, a vela, colchão de palha de milho, fogão à lenha. Família reunida, risadas, conversas, fofocas, sabores e cheiros.

Vivências e fatos que se converteram em histórias. A poesia estava sempre presente na minha vida. O tempo que não se apagou, a certeza de tudo o que vivenciei na casa simples de madeira. A presença dos pais, o amor, as brincadeiras na rua, as descobertas, como é importante parar um momento para refletir sobre a construção da nossa história na sociedade. Poucas vezes fazemos isso. Muitas vezes surge insegurança sobre se estamos certos ou errados no que estamos fazendo.

Passei a minha infância morando no interior e estudando em uma escolinha próxima da minha casa. Tive uma infância muito feliz, brincávamos na roça, no rio, no potreiro, no mato fazendo trilhas, caçando bruxas e os fantasmas imaginários. Brincadeiras entre primos e colegas da escola. Muitas lembranças. Nossos brinquedos eram feitos com sucatas, bonecas de pano, espigas de milho, carrinho de lombo, cavalos de taquara, casinhas feitas com palhas de milho e sabugos. Família reunida, mesa farta, festas na comunidade, missa todos os domingos. Aprendi a rezar e agradecer todos os dias. Ajudava meus pais na lavoura, capinar, plantar milho, soja, trigo, aipim, batata, cana, amendoim, verduras e frutas. Tínhamos vacas leiteiras, gados, galinhas, suínos. Trabalhávamos muito e vendíamos todos os nossos produtos para a empresa COSUEL.

A memória pessoal é uma grande faceta que envolve a própria sociedade. Muitas vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. A lembrança é uma imagem construída pelos

materiais que estão à nossa disposição no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual.

Sou Professora, formada em Letras e Pedagogia e agora terminando a Pós em Sociologia. Casada, tenho um filho de 19 anos. Quero agradecer aos meus pais que me deram a vida e a oportunidade de crescer nesta família e de aprimorar o meu espírito e ter me tornado essa pessoa maravilhosa.

1 FORMAÇÃO EDUCACIONAL INICIAL

Filha de agricultores. Minha primeira formação escolar foi na zona rural perto de casa. Iniciei a vida escolar aos sete anos. Minha primeira professora era calma, amável e querida. Ensinou-me que a Vivi viu a uva. Seu nome “Lurdes” hoje tem 70 anos. Saudades da minha infância, das rodas cantadas, futebol de campo, caçador, amarelinha, pular corda, elástico, esconde-esconde, pega-pega, corrida do saco, salto à distância. A escola era pequena, usávamos uniforme. Camisa branca, saia e calça azul-marinho. A professora atendia todos os alunos na mesma sala. Quem acabava antes ajudava os que tinham dificuldades. A merenda era feita no fogão à lenha. Gostava da sopa de feijão e dos bolinhos de chuva. Tínhamos que limpar a sala e varrer o pátio. Todos os alunos gostavam de ajudar a professora. Fazíamos horta e jardinagem. A festa que eu mais gostava na escola era São João. Muito divertido!

Tive uma professora no 2º ano que se chamava Odete. Era uma mulher autoritária, gritava muito, colocava as crianças de castigo atrás da porta de joelhos em cima de grãos de milho, época da palmatória. Não conseguia aprender de tanto pavor. Não perguntava nada. Viviam calada e com dor de barriga a ponto de fazer as necessidades na classe e ficar de castigo por isso. Reprovi na escola. Sentia-me triste e fui chamada de burra pelos colegas. Minha mãe me consolava e tentava me ensinar a ler e aprender as continhas do jeito dela.

No terceiro ano, graças a Deus, teve troca de professor. Seu nome era Daltro. Ele era legal! Ensinava bem. Concluí o 4º ano com outra professora que tenho boas recordações. Meus pais sempre foram muito presentes na minha vida escolar. Em casa ajudava meus pais no plantio, na colheita, na criação de galinhas, suínos e no gado leiteiro. Aprendi a fazer todos os trabalhos domésticos com minha mãe.

Fiz o Ensino Fundamental, na escola Érico Veríssimo na cidade de Encantado. Uma escola grande, muitos professores e alunos. Apaixonei-me pela biblioteca. Usávamos uniforme, camisa branca, casaco vermelho e saia azul-marinho combinando com a conga azul.

O ensino era rígido, modelo tradicional. Tive excelentes professores. Uns eram afetivos, compreensivos, ensinavam quando não entendíamos o conteúdo, outros eram autoritários, gritavam, castigavam.

No Ensino médio, cursei auxiliar de escritório, na escola Monsenhor Scalabrini em Encantado. Meu pai me incentivava a estudar, pois poderia ter um emprego bom em uma empresa ou no banco. Eu era dedicada nos estudos e queria que meus pais tivessem muito orgulho de mim. Eles não puderam estudar porque não tinham condições financeiras e precisavam trabalhar desde cedo na lavoura. Nesse tempo fiz muitos amigos na escola. Meus professores eram muito bons. Não havia indisciplina na minha turma. Todos estavam ali para estudar. Tínhamos objetivos e muitos sonhos a conquistar. Nossos pais se preocupavam com a gente, a família era o centro do universo.

Uma das principais e mais bonitas características da memória que está sendo recuperada é sua atemporalidade. A memória é história na medida em que a recuperação nas vivências não é feita de forma cronológica, linear, mas sim mediante a mistura de acontecimentos que ocorreram em diferentes momentos do passado. A lógica das lembranças é a da emoção das relações familiares, sociais, culturais.

Na roça brincava e usava a minha imaginação. Gostava de poesia. Em minhas vivências, prestava muita atenção nas falas, nas fábulas, nas narrativas e depois começava a escrever e recontá-las. Primeiro a fantasia e depois se tornava realidade. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que somos e o que éramos no passado, quem pensamos que somos e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.

2 RELATOS DA VIDA PESSOAL

Depois da formatura do 3º ano-ensino médio. Mudei de ideia. Decidi ser professora. Fiz Letras na UNIVATES, em Lajeado. Durante o dia trabalhava em uma empresa de auxiliar de escritório e à noite estudava. A Universidade contribuiu para a minha formação, por possuir uma diversidade de conhecimentos, valores, crenças e normas, que influenciou a minha vida a seguir o magistério.

A partir dos estudos feitos na Universidade aprendi que podemos ensinar em qualquer lugar. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Precisamos de espaços de aprendizado, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem os alunos a aprender. A grande questão é a ideia de as pessoas se sentirem parte integrante do território. Sentir que pertencem

a algum lugar e que esse lugar está ligado e eles. Eles não estão soltos. A cultura popular e tradições trazem a identidade das pessoas para transformar indivíduos em pessoas. Esse afastamento das pessoas, da sua realidade, do seu mundo, do seu universo de tradições familiares e culturais é um problema sério de falta de fixação do indivíduo com sua identidade. Ele vira massa de manobra. Acredito que o objetivo da escola, está relacionado com as ideias apresentadas na visão de Gramsci onde é necessário que nela,

[...] seja dada a criança a possibilidade de formar-se, de tornar-se um homem, de adquirir os critérios gerais que sirvam ao desenvolvimento do caráter. Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e constanja a sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se dentro de uma bitola. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de escravidão e mecanicidade (GRAMSCI apud BARBOSA, 2001, p. 23).

Vivência na primeira infância, tomada de consciência sobre a trajetória de uma profissão, sobre a constituição de uma identidade e sua projeção futura. Não se trata apenas de uma visão positiva e vitoriosa do passado, onde são esquecidos os impasses, outras lembranças marcantes e dolorosas que são levadas pelo vento. Lembranças constantes do passado-presente e futuro, fatos que se convertem em histórias. Meu pai ajudou-me a alimentar a minha alma despertando a curiosidade e a lutar pelos meus sonhos. Quando era criança gostava de catar e guardar pedrinhas como se fossem grandes tesouros.

3 VIDA PROFISSIONAL

Aos 20 anos ganhei um contrato emergencial no município. Trabalhei na educação infantil. A escolinha era pequena, linda e aconchegante. Realizei-me profissionalmente. Sentia-me feliz, fazia tudo com amor. Eu brincava com as crianças, contava lindas histórias e fazíamos dramatizações. Entregava-me de corpo e alma. As crianças aprendiam tudo com facilidade, pois eram muito amadas. Pude reviver toda a minha infância com elas. Fiquei nesta escola até terminar o ensino superior. Formei-me em 1990. Foi uma grande conquista.

No ano seguinte, casei e fui morar em Roca Sales. Fui dar aula no colégio de Freiras. Escola particular. Modelo tradicional, formação rígida, minhas ideias não combinavam com aquele sistema. Sentia-me infeliz e angustiada, não estava conseguindo fazer um bom trabalho. No ano seguinte fui demitida. Naquele ano meu marido foi convidado para trabalhar em Montenegro de vendedor na empresa do tio Euclides. Fiz o concurso pela prefeitura municipal, passei e fui chamada para trabalhar em uma escola de periferia.

Em 1992 mudamos para Montenegro. Começamos nossa jornada profissional. Dei aula de português para o 5º ao 8º ano. Aos poucos fui conhecendo a realidade deles e procurei desenvolver projetos para melhorar a autoestima dos alunos. Nunca naquela escola se discutiu tanto assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos. Professores cansados, estressados e, muitas vezes, doentes fisicamente e mentalmente. Sentimentos de impotência e frustração estiveram tão marcadamente presentes na vida escolar. Toda a escola estava envolvida e havia uma grande preocupação por parte dos professores. Trouxemos vários palestrantes abordando temas, como: sexualidade, drogas, autoestima, valorização da vida, a família e o amor entre os pais, doenças transmissíveis, saúde e higiene. Também trabalhamos fortemente valorizando o esporte na escola e competições entre as turmas. Dentro da literatura, criamos um projeto para gostar de ler. Hora do conto todas as semanas, dramatizações e encenações. Criamos um grupo de Teatro, música e dança. Aula de culinária, e trabalhos voltados para a arte.

Muitas palestras para pais e alunos, apresentações, festas comemorativas para trazer a família para dentro da escola. Naquela época havia muitos problemas de indisciplina e evasão escolar. Ao redor da escola havia muita pobreza, lixo, sujeira. As pessoas que moravam no bairro se acostumaram com aquela paisagem. Com tantos problemas naquele bairro, o município construiu uma escola aberta para os alunos que não queriam ficar na escola regular de ensino. Projeto mais Educação para os meninos de rua. Na escola os alunos comentavam sobre os acontecimentos do bairro. Assaltos, tráfico de drogas, assassinatos, estupros, espancamentos, brigas entre vizinhos. Muitas famílias desestruturadas e crianças abandonadas nas ruas. Fiquei 10 anos nesta escola. Era hora de voltar para a minha terra Natal, Encantado.

Em 2002 montei uma escola de Educação Infantil no centro de Encantado. O nome da escola, KIDS FOR KIDS. Era linda, área verde, árvores, flores, toda equipada com brinquedos pedagógicos e bons pedagogos. Atendia em média 30 crianças do zero a seis anos. Tinha como filosofia da escola proporcionar condições adequadas para promover o bem estar da criança, seu desenvolvimento físico, motor, emocional, intelectual, moral e social. Também a ampliação de suas experiências, bem como estimular seu interesse pelo processo do conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade. A escola de Educação Infantil era uma instituição que tinha como finalidade a educação integral da criança nos seus aspectos físico, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade. O corpo docente da escola era composto pela diretora Márcia, por pedagogas, nutricionista e auxiliares de serviços gerais.

O prédio foi construído especialmente para o bem estar das crianças, condições de localização, acesso, higiene e salubridade. A escola contava com sala de direção, refeitório, cozinha, banheiro de professores, banheiro adaptado para crianças, sala de atividades múltiplas, sala de aula e sala de descanso. Ainda a escola proporcionava material pedagógico, mobiliário e biblioteca, espaço para recreação externa. Nosso projeto político pedagógico tinha como princípio básico:

- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte;
- Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- Respeito a Liberdade e apreço à tolerância;
- Valorização do profissional da educação escolar;
- Vínculo entre educação escolar e as práticas sociais;

Tínhamos como objetivo promover ações educativas no sentido de encorajar a criança a tornar-se cada vez mais autônoma em relação aos adultos; interagir com outras crianças resolvendo conflitos entre as mesmas; ser independente e curiosa, a usar a iniciativa própria no objetivo de suas curiosidades. O docente de Educação Infantil tinha a função de educar e cuidar de forma indissociável da criança na primeira infância. Procurar compreender como as crianças constroem o seu conhecimento, estando permanentemente atento a elas, aceitando suas diferentes manifestações e propondo atividades para a ampliação de descobertas em todas as áreas do conhecimento das linguagens, físico, lógico-matemático e social.

A escola tinha como lema respeitar a criança e não limitar suas oportunidades de descoberta e conhecê-la verdadeiramente para proporcionar-lhe experiências desafiadoras, procurar não fazer por ela, auxiliando-a a encontrar meios de fazer o que quer, e deixá-la ser criança conscientizando-a de suas responsabilidades com o outro, deixando-a expressar-se da maneira que lhe convém e buscando compreender o significado de todas as suas ações. Nessa nova etapa da minha vida, me sentia feliz e realizada por ter alcançado mais um sonho. Tinha sede de conhecimento e resolvi cursar Pedagogia no Polo-Muçum. A escola acabou fechando devido a tanta concorrência na rede municipal e privada. O custo para manter era altíssimo. Em 2010 me formei em Pedagogia, mais uma etapa concluída.

Em 2011 fiz concurso para português no município de Muçum. Logo assumi as turmas de 5º ao 7º ano. Deparei-me com uma realidade de alunos rebeldes, agressivos, faltavam muito nas aulas, não traziam o material solicitado, brigavam muito entre eles, não copiavam os conteúdos e ainda ameaçam bater nos professores. Os valores haviam se perdido. Lembrei-

me do pensamento de Paulo Freire quando ele diz o seguinte: “A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a tirania da liberdade em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam os professores, que pensam ser campeões da liberdade. [...]” (FREIRE, 2000, p.29).

Por essa razão, dentro das escolas há discussões que procuram compreender esse quadro tão complexo e, muitas vezes, caótico, na qual a educação se encontra mergulhada, cada vez mais frequente, professores debatem formas de tentar superar todas essas dificuldades e conflitos, pois percebem que se nada for feito em breve não se conseguirá mais ensinar e educar. Entretanto, observa-se que, até o momento, essas discussões vêm sendo realizadas apenas dentro do âmbito da escola, basicamente envolvendo direções, coordenações e grupo de professores. A escola vem, gradativamente, assumindo a maior parte da responsabilidade pelas situações de conflito que nela são observadas.

No ano de 2013 pedi demissão e fui trabalhar em uma escola do estado em Roca Sales. Assumi uma turma de Ensino Fundamental 3º ano. Outra realidade. Adaptei-me muito bem e encontrei o que procurava. Educar, portanto, não é tarefa fácil, exige muito esforço, amor, paciência e tranquilidade. Exige saber ouvir, mas também fazer calar quando é preciso educar. Com amor podemos estabelecer limites e responsabilidades. Deve-se fazer ver às crianças e jovens que direitos vêm acompanhados de deveres e para ser respeitado, deve-se também respeitar.

Em 2014 fui transferida para outra escola Jardim do Trabalhador em Encantado. Ensino Fundamental 5º ano. Foi uma experiência muito positiva. Atualmente estou dando aula na cidade de Roca Sales, Ensino Fundamental, Português.

Segundo Paulo Freire: “A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada. [...]” (2000, p.30). É o que se verifica hoje. As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança. Em outras palavras está se vivendo, em um pequeno intervalo de tempo, um período de grandes transformações, muitas delas difíceis de serem aceitas ou compreendidas. E dentro dessa conjuntura está a família e a escola. Ambas tentando encontrar caminhos em meio a um emaranhado de escolhas que esses novos contextos, sociais, econômicos e culturais nos impõem. Acredito que a escola e a família de mãos dadas podem estabelecer um acordo na forma como irão educar suas crianças e adolescentes, muitos dos conflitos hoje observados em sala de aula poderão ser superados quando a família ou responsáveis, realmente participam da vida escolar e particular de seus filhos.

[...] os pais que não tem condições emocionais de suportar a sua parcela de responsabilidade, ou culpa, pelo mau rendimento escolar, ou algum transtorno de conduta do filho, farão de tudo, para encontrar argumentos e pinçar fatos, a fim de imputar aos professores que reprovaram o aluno, ou à escola como um todo, à total responsabilidade pelo fracasso do filho (ZIMERMAN apud BOSSOLS, 2003, p.14).

Para finalizar este texto gostaria de salientar que a mídia tem um grande poder de influência na vida das crianças através das falas, brinquedos, brincadeiras, vestuário, material escolar. Hoje a infância passa por diferentes transformações tecnológicas da sociedade capitalista e situações de consumo, abandono, drogas e violência. Precisamos estar preparados para lidar com as crianças pós-modernas e ajudar-lhes a encontrar a verdadeira felicidade.

4 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, EDUCAÇÃO ESCOLAR E CIDADANIA

A educação é um caminho para garantir uma sociedade mais justa e harmônica, no qual o cidadão exerce o seu papel perante a sociedade, exige os seus direitos e cumpri os seus deveres. De acordo com Pinsky (2013) parece ser um sonho distante. Algo utópico e inatingível. Não apenas imaginar e sonhar, mas realmente viver numa sociedade em que o acesso aos bens e serviços não fossem restritos, e a cidadania fosse de fato um direito de todos, exercido em sua totalidade, garantida para todo e qualquer cidadão. Mas essa sociedade não existirá sem a luta e das reivindicações, da ação concreta dos cidadãos engajados nas principais problemáticas do dia a dia, exigindo novas políticas públicas e privadas. Neste contexto observamos a organização de políticas, programas e iniciativas que valorizam a diversidade, em geral promovidas em resposta a demandas dos movimentos sociais de reivindicação, documentos legais e inspiradores da cidadania. Por isso que foram desenvolvidas: [...] Políticas de ação afirmativa, escola inclusiva, introdução da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nos currículos escolares, educação quilombola, educação no campo, educação intercultural indígena, elaboração de materiais pedagógicos para o enfrentamento da homofobia, do racismo no ambiente escolar, entre outros, são alguns exemplos do desenvolvimento desta perspectiva (CANDAU, 2012, p. 722).

[...] É preciso haver uma educação para a cidadania. Há um sofrimento que tem lugar no âmbito privado e não vem a público, a não ser que as pessoas tomem consciência de seus direitos, e como cidadãos se organizem para lutar por eles. É preciso criar espaços para reivindicar os direitos, mas é preciso também estender o conhecimento a todos para que saibam da possibilidade de reivindicar (MANZINI COVRE, 2012).

O Fórum Educação para a Cidadania em 2008 tratou da importância em desenvolver não apenas a educação, mas também a formação para o exercício da cidadania global. Uma

educação preocupada em formar “um ser humano livre, responsável, autônomo, solidário, sujeito de direitos, respeitador das outras pessoas e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, com um espírito crítico, democrático, pluralista, criativo e interventivo face à sociedade”, habilitando aos educadores a terem posicionamentos esclarecidos e críticos relativamente às questões do mundo de hoje.

[...] Para esta cidadania global, Martins nos traz um programa de ação em Educação para a Cidadania que deve ultrapassar as fronteiras da sala de aula e ser capaz de responder aos novos desafios sociais, tais como: a diversidade cultural e de estilos de vida, a revolução das tecnologias de informação e comunicação, a pobreza e a exclusão social, os mecanismos de discriminação, a degradação ambiental e o desenvolvimento sustentável, os novos desafios à justiça e equidade aos níveis local, nacional e global. Por isso a importância de o processo educativo se integrar aos contextos cotidianos para produzir um conhecimento situado e relevante. Assim torna-se fundamental a interação e a colaboração entre as instituições educativas formais, as instituições estatais, e as diversas organizações e movimentos da sociedade civil, contextos por excelência de educação não formal “na” cidadania (MARTINS, p.7, 2010).

Para isso é indispensável criar condições para que, na Educação Infantil e na Educação Fundamental, os alunos sejam capazes de mobilizar saberes e competências culturais, comportamentais, sociais, científicas e tecnológicas para compreender e analisar a realidade, designadamente através do estabelecimento de conexões. As séries iniciais são um espaço por excelência de vivência de cidadania e de a faixa etária até aos seis anos ser aquela em que se formam e se consolidam os preconceitos e estereótipos socialmente dominantes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais têm um caderno especialmente para debater a questão da Ética no currículo escolar, pois embora seja um tema transversal que deve ser abordado nas áreas convencionais, na prática nem sempre é completado, e as questões mais urgentes e necessárias relacionadas com o exercício da cidadania, como: a violência, a saúde, o uso dos recursos naturais, os preconceitos, são deixadas de lado no debate com os alunos. Então, vemos a importância de se eleger a cidadania como eixo fundamental da educação escolar, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que favoreçam os valores, mas também aos conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva. Para isso que envolver a questão da cidadania na escola, não é apenas uma vontade, é antes um projeto de atuação político-pedagógica que implica avaliar práticas e buscar, explícita e sistematicamente, caminhar nessa direção, tendo em vista que a democracia na escola se relaciona com a vida em comunidade, desde a estrutura escolar, em como a escola se insere e se relaciona com a comunidade, nas relações entre os trabalhadores da escola, na distribuição de responsabilidades e poder decisório, nas relações entre professor e aluno, na relação com o conhecimento (BRASIL, 1997).

Sendo assim, para a formação e o exercício da cidadania na escola, o PCN de Ética traz orientações didáticas para facilitar este processo, como: a participação, as normas e regras, e a organização dos conteúdos em torno de projetos. A escola não pode privar a possibilidade aos alunos de exercerem a participação, pois a participação é um princípio da democracia que necessita ser trabalhado: é algo que se aprende e se ensina. Caso contrário estará ensinando a passividade, a indiferença e a obediência cega, não promovendo a convivência democrática no cotidiano, pois aprendemos a participar, participando.

[...] A escola deve ser um espaço de atuação pública dos alunos. Assim, devem ser eleitos métodos e atividades que ofereçam experiências de aprendizagem ricas em situações de participação, nas quais os alunos possam opinar, assumindo responsabilidades, colocar-se, resolver problemas e conflitos e refletir sobre as consequências de seus atos. Situações que envolvam atividades como seminários, exposição de trabalhos, organização de campanhas, monitoria de grupos de estudos, eleição e desenvolvimento de projetos, etc. favorecem essa aprendizagem (BRASIL, p. 41, 1997).

Vimos anteriormente neste trabalho à importância da lei para legitimar um direito e garantir respeito e dignidade ao cidadão, leis que punem e permitem a vida em comunidade. As leis não são ruins, elas são necessárias para o convívio com o semelhante seja aceitável, sem que a liberdade de um, seja o prejuízo e o desrespeito ao outro. Assim, o espaço escolar, como um espaço político, também deve ter a colocação das regras de funcionamento e das normas de conduta, de forma clara e explícita para que seja possível o convívio social na escola. Assim como os adultos não devem exercer a sua cidadania apenas com o ato de votar, o exercício da cidadania através do cumprimento das normas para os alunos não devem ser realizada através do medo, da obediência cega aos adultos, mas de uma forma consciente, para que compreendam através do ensino organizado e sistemático no convívio escolar, os limites da instituição, enfatizando-as como organização coletiva, contextualizado na vivência da comunidade escolar, referindo-se a questões pertinentes ao trabalho pedagógico ou aos problemas do cotidiano, fazendo com que os alunos possam compreender os vários aspectos da instituição, perceber e aprender a tomar decisões considerando outros motivos além de seus próprios (BRASIL, p. 42, 1997).

5 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO

O tema da participação tem se tornado central nos debates sobre políticas públicas, especialmente porque parece haver um consenso de que quanto maior a participação da sociedade civil nos processos decisórios, melhor a capacidade e as políticas públicas

diminuírem a desigualdade social e a pobreza dos países em desenvolvimento. A abertura de novos canais de relacionamento entre sociedade civil e Estado. (conselhos, câmaras setoriais, orçamentos participativos, fóruns etc.) – e suas complexas dinâmicas de funcionamento, que convivem com a disputa constante de poder, trouxeram uma complexidade de questões para os estudiosos e a introdução de novos conceitos, buscando entender o que estaria acontecendo em países com democracias recentes.

A problemática da representação política exercida por organizações da sociedade civil tem recebido pouca atenção da literatura voltada para o estudo da reconfiguração da representação política e para a reforma da democracia, uma vez que a participação tem sido o tema central de diversas análises acadêmicas. A ênfase dada à participação acaba obscurecendo e diluindo, como analisado por Hannah Arendt (1994), os diferentes sentidos que lhe dão sustentação. Surgem os impasses quando novos espaços de representação são abertos, como o caso dos diversos conselhos, ou seja, entender a presença da sociedade civil em formas alternativas de participação e representação política.

Em última instância, trata-se de entender até que ponto a representação e a participação podem conviver na democracia. Alguns autores nos fazem pensar essa nova forma de participação e representação política, destacando, dentre outros aspectos, o processo de reconfiguração da representação em que os atores sociais constroem uma representatividade de índole política por outros meios que não os eleitorais.

Pretende-se, com isso, contribuir para a compreensão e o desenvolvimento das práticas democráticas no Brasil.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o trabalho em sala de aula é uma atividade experimental e única, um exercício solitário que cada docente executa e que apenas parcialmente tem a ver com a teoria aprendida nos cursos de formação de professores. Nessa perspectiva, o ato de ensinar torna-se uma atividade profundamente artesanal, reconstruindo permanentemente pelo professor a partir dos seus conhecimentos teóricos e metodológicos, das influências recebidas em suas vidas e das relações conjunturais existentes.

A cidadania pode ser trabalhada também através da organização dos conteúdos em torno de projetos, uma vez que possibilita a articulação de contribuições de diversos campos de conhecimento e permite que se dê relevância às questões dos Temas Transversais, pois os projetos podem desenvolver e serem direcionados para metas objetivas ou para a produção de algo específico. Uma vez definido o aspecto específico de um tema, os alunos têm a possibilidade de aplicar os conhecimentos que já possuem sobre o assunto; buscar novas informações e utilizar os conhecimentos e os recursos oferecidos pelas diversas áreas para dar um sentido amplo à questão. A escola não se propõe como um lugar mágico que vai mudar radicalmente a comunidade, o país e o mundo.

Entretanto, devemos sim, acreditar na transformação do homem através das ações cotidianas e dos benefícios observados dentro e fora da comunidade escolar. Devemos acreditar no respeito mútuo ao ser humano independentemente da idade, sexo, condição social ou regional. Devemos acreditar no ideal democrático de convívio social. Por isso, acreditamos que a educação contribui com seu papel na formação do cidadão que vai favorecer uma melhor vida em sociedade, consciente de seu papel, e pronto para mudar realidades que estão longe do que se busca para a dignidade humana. (BRASIL. 1988).

A cidadania deve ser pensada como condição fundamental para a existência de uma sociedade democrática. Obviamente não se trata da cidadania “do papel”, isto é da teoria, mas da cidadania em termos práticos, a que deve acontecer com a participação de cada membro, cada cidadão consciente de seus direitos, deveres e valores.

Ser cidadão significa, conforme a origem grega, em termos bastante genéricos, ser o habitante da cidade, isso implica no pertencimento a determinado espaço geográfico. Mas o que se pode perceber é que para a globalização não existem barreiras. Ao extrapolar estes limites faz desaparecer as peculiaridades de cada espaço e também dos indivíduos implicados. Serão todos “cidadãos do mundo”, sujeitos indefinidos socialmente.

A rapidez das transformações sociais provoca igualmente transformações individuais. Isso exige readaptação, reeducação. A escola precisa também ser repensada, principalmente os professores, responsáveis diretos por promover essa readaptação exigida pelas transformações tecnológicas. Dessa forma, é necessário que valores e a forma de disseminá-los sejam repensados, inclusive no que se refere à cidadania.

A realidade mudou bastante nos últimos anos, exigindo cada vez mais que a escola acompanhe essas mudanças. Hoje não podemos ter em nosso meio um ensino fragmentado, dissociado da realidade, mas sim um comprometimento que prepare seus atores para enfrentarem o processo de globalização. Dessa forma, a escola deve preocupar-se

possibilitando condições para que a sociedade que abriga ingresse em seu meio, assumindo assim seu compromisso como local de transmissão de saber e construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: Escritos de educação. Organizadores Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 41-64.
- BRASIL. 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.
- _____. 1997. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ética. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081>>. Acesso em: 13 de setembro de 2015.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **DIREITO À EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012. Disponível em: <[http://www.educacional.com.br/reportagens/20 Anos Constituição/cidada.asp](http://www.educacional.com.br/reportagens/20%20Anos%20Constituicao/cidada.asp)>. Acesso em: 16 de outubro de 2015.
- FILHO, João Cardoso Palma. **Cidadania e Educação**. Cad. Pesquisa, n. 104, p. 101-121, jul. 1998.
- FÓRUM EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA (2008). **Objetivos Estratégicos e Recomendações para um Plano de Ação de Educação e Formação para a Cidadania**. Disponível em: <[http://www.rcc.gov.pt/SiteCollectionDocuments/Objectivos _para_ Cidadania_Forum_EducCidadania](http://www.rcc.gov.pt/SiteCollectionDocuments/Objectivos_para_Cidadania_Forum_EducCidadania)>. Acesso em: 17 de setembro de 2015.
- KARNAL, Leandro. **Revolução Americana: Estados Unidos, Liberdade e cidadania**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). História da Cidadania. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. 7ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MANZINI COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**/ Maria de Lourdes Covre. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- MARTINS, Filipe. **Cidadania e Educação**. 2010. Disponível em: <http://www.inducar.pt/v1/images/cadernos/cidadania_educacao>. Acesso em: 21 de outubro de 2015.
- NOGUEIRA, Maria Alice & NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**, p.49 a 60, Autêntica Editora, 2014.
- SANTOS, Mário Bispo dos. **A sociologia no Ensino Médio: O que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Brasília: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB), p.170, 2002.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **A sociologia volta à escola**: Um estudo dos manuais de Sociologia para o Ensino médio no Brasil. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.